

# Nossa coletânea de Crônicas

Esse livro digital é uma coletânea  
de crônicas feita por professoras  
do 5<sup>o</sup> ano.

***Boa leitura***

"O cronista é crônico, ligado ao tempo, deve estar encharcado, doente de seu tempo e ao mesmo tempo pairar acima dele."

*Affonso Romano de Sant'Anna*

# SUMÁRIO

Fome à beira-mar .....	
5	
Exigências da vida moderna .....	
7	
Gravata com G .....	
8	
No restaurante .....	
14	
Minhas férias .....	
18	
Depois de Uno .....	21
Banhos de mar .....	
25	

Suflê de chuchu .....	
Serenata de celular .....	
26	
52	
A foto .....	
Por que essa pressa?.....	
34	
36	
Notícia da Canabrava .....	
37.....	61
Espírito carnavalesco	
.....	42
Uma lição inesperada .....	
45	
As três pipas do vovô	
.....	49

# Fome à beira-mar

Nathalie Lourenço

Verão é época de praia. Faz algum tempo que não molho os pés na água salgada, mas esses dias estive pensando que a “experiência-praia” não é tão igual como eu achava quando era criança e passava boa parte das férias no Guarujá. A minha praia paulista sempre foi lugar de coco, de milho e de picolé. Também de biju e de peixe frito.

Somente anos mais tarde, eu fui percebendo que cada lugar tem seu jeito. Os cariocas gostam de lanche natural e de mate gelado, dos quais sou muito a favor. Por lá existe ainda biscoito de polvilho, um alimento que se adapta muito bem ao terreno, pois as migalhas imediatamente tornam-se parte da areia. Já no Rio Grande do Sul, o pessoal costuma levar uma garrafa térmica com água fervente para abastecer as cuias de chimarrão. Deve ser uma técnica para contrabalançar o calor de fora do corpo com mais calor dentro dele. Lá é fogo contra fogo!

Outros adeptos dessa estratégia são os pernambucanos. Uma amiga natural de lá me garantiu que comer caldinho de feijão à beira-mar é a coisa mais comum que tem nas praias da região. Já os mineiros não têm comida de praia por uma razão óbvia: a falta de litoral. E essa questão geográfica é uma pena para o estado que inventou o pão de queijo e o requeijão, pois teríamos verdadeiras obras-primas do petisco litorâneo.

Fora do Brasil, a situação também muda bastante. Em Portugal, a tradição são as tais bolas de Berlim, doce que por aqui conhecemos por sonho. Até o famoso hot dog foi inventado para ser comida praiana, acredita? O imigrante alemão Charles L. Feltman apostou em um carrinho com braseiro para assar salsichas e servi-las no pão para os banhistas famintos da ilha americana de Coney Island. Foi a ideia de enfiar a salsicha dentro do pão que tornou o lanche “portátil”. Até hoje esse é um dos raros cachorros permitidos na areia...

E você? Tem alguma comida de praia favorita?

# Exigências da vida moderna

Luis Fernando Veríssimo

Dizem que todos os dias você deve comer uma maçã por causa do ferro. E uma banana pelo potássio. E também uma laranja pela vitamina C.

Uma xícara de chá verde sem açúcar para prevenir a diabetes.

Todos os dias deve-se tomar ao menos dois litros de água. E uriná-los, o que consome o dobro do tempo.

Todos os dias deve-se tomar um Yakult pelos lactobacilos (que ninguém sabe bem o que é, mas que aos bilhões, ajudam a digestão).

Cada dia uma Aspirina, previne infarto. Uma taça de vinho tinto também.

Uma de vinho branco estabiliza o sistema nervoso. O benefício adicional é que se você tomar tudo isso ao mesmo tempo e tiver um derrame, nem vai perceber.

Todos os dias deve-se comer fibra. Muita, muitíssima fibra. Fibra suficiente para fazer um pulôver.

Você deve fazer entre quatro e seis refeições leves diariamente.

E nunca se esqueça de mastigar pelo menos cem vezes cada garfada. Só para comer, serão cerca de cinco horas do dia... E não esqueça de escovar os dentes depois de comer.

Ou seja, você tem que escovar os dentes depois da maçã, da banana, da laranja, das seis refeições e enquanto tiver dentes, passar fio dental, massagear a gengiva, escovar a língua e bochechar com Plax.

Melhor, inclusive, ampliar o banheiro e aproveitar para colocar um equipamento de som, porque entre a água, a fibra e os dentes, você vai passar ali várias horas por dia.

Há que se dormir oito horas por noite e trabalhar outras oito por dia, mais as cinco comendo são vinte e uma. Sobram três, desde que você não pegue trânsito.

As estatísticas comprovam que assistimos três horas de TV por dia. Menos você, porque todos os dias você vai caminhar ao menos meia hora (por experiência própria, após quinze minutos dê meia volta e comece a voltar, ou a meia hora vira uma).

E você deve cuidar das amizades, porque são como uma planta: devem ser regadas diariamente, o que me faz pensar em quem vai cuidar delas quando eu estiver viajando.

Deve-se estar bem informado também, lendo dois ou três jornais por dia para comparar as informações.

Também precisa sobrar tempo para varrer, passar, lavar roupa, pratos e espero que você não tenha um bichinho de estimação.

Na minha conta são 29 horas por dia. A única solução que me ocorre é fazer várias dessas coisas ao mesmo tempo!

# Gravata com G

Fernando Sabino

O que o Gilson me pediu que trouxesse de Nova York era realmente uma coisa à toa: uma gravata.

Só que não se tratava de uma gravata qualquer: era um modelo com uma letrinha bordada. No caso um G, é lógico. Tinha visto um anúncio em uma revista, e como eu caí na asneira de contar para ele que ia a Nova York, me passou o recorte: podia ser de qualquer cor, mas deveria ter a inicial dele. Era um voo especial, íamos ficar só de sábado a terça-feira.

Sábado não deu tempo de pensar em gravata nem em coisa nenhuma, chegamos muito cansados. No domingo, passeando pelo centro da cidade, bem que eu vi a tal gravata em mais de uma vitrine, aqui e ali, em diversas cores, e com letras, o alfabeto inteiro, era coisa barata, apenas um dólar. Só que domingo o comércio estava fechado.

Na segunda-feira houve um almoço que se prolongou pela tarde inteira. Depois um coquetel que entrou pela noite.

Quando dei por mim já era terça de manhã, eu numa ressaca dos diabos, hora do embarque, o ônibus à espera na porta do hotel para nos levar ao aeroporto. Só então me lembrei: a gravata.

O ônibus não podia esperar. Eu disse para o pessoal: vocês vão indo que eu vou de táxi. E saí à procura de uma loja ali por perto do próprio hotel, onde tinha visto a gravata.

Não encontrei. Estiquei a caminhada pela rua abaixo, um, dois, três quarteirões, e nada. Voltei ao hotel, meio aflito, apanhei a mala, tomei um táxi, mandei que tocasse para a Broadway. Ali, não tinha dúvida, vira o raio da gravata em várias lojas.

A cada uma que passava eu dizia ao motorista que parasse e olhava da janela mesmo: havia tudo quanto era tipo de gravata nas vitrines, menos a que eu procurava.

A certa altura tive a impressão de que naquela loja havia uma, resolvi conferir. O motorista se recusou a esperar, era proibido estacionar ali. Prometi pagar a corrida em dobro, e saltei correndo.

Não fosse eu perder o avião por causa daquela maldita gravata.

Encontrei. Logo na entrada da loja, e com várias letras, inclusive G. De diversas cores, à minha escolha. Mas o vendedor me atendia com insuportável lentidão, eu não podia mais de ansiedade, estava em cima da hora. Quando vi que a menor nota que eu tinha era de dez dólares, para não esperar o troco agarrei dez gravatas de várias cores com a letra G e saí correndo com a sacola de papel.

Na rua parei estatelado: o táxi havia sumido.

Mais essa agora – com minha mala e tudo! Eu ia perder o avião.

Fui andando desorientado até a esquina, minha esperança renasceu: lá estava ele, à minha espera na outra rua. Depressa, para o aeroporto! E respirei, aliviado: o Gilson ia ter gravata com letra G para usar o resto da vida.

Quando cheguei ao aeroporto, foi o tempo de pagar o táxi (em dobro), e sair esbaforido com a mala sem pensar em carregador. Entrei no avião sob o

olhar de censura de todos, já sentadinhos, de cinto colocado, prontos para levantar voo.

– Pelo menos espero que você tenha encontrado a tal gravata – comentou o que estava a meu lado.

– Encontrei – respondi, triunfante.

Depois de me ajeitar na poltrona, procurei a sacola das gravatas para mostrá-las. Havia ficado no táxi.

# No restaurante

Carlos Drummond de Andrade

- Quero lasanha.

Aquele anteprojeto de mulher - quatro anos, no máximo, desabrochando na ultraminissaia - entrou decidido no restaurante.

Não precisava de menu, não precisava de mesa, não precisava de nada. Sabia perfeitamente o que queria. Queria lasanha.

O pai, que mal acabara de estacionar o carro em uma vaga de milagre, apareceu para dirigir a operação-jantar, que é, ou era, da competência dos senhores pais.

- Meu bem, venha cá.

- Quero lasanha.

- Escute aqui, querida. Primeiro, escolhe-se a mesa.

- Não, já escolhi. Lasanha.

Que parada - lia-se na cara do pai.

Relutante a garotinha condescendeu em sentar-se primeiro, e depois encomendar o prato:

- Vou querer lasanha.

- Filhinha, por que não pedimos camarão? Você gosta tanto de camarão.

- Eu sei, eu sei que você adora camarão. A gente pede uma fritada bem bacana de camarão. Tá?

- Quero lasanha, papai. Não quero camarão.

- Vamos fazer uma coisa. Depois do camarão a gente traça uma lasanha. Que tal?

- Você come o camarão e eu como lasanha.

O garçom aproximou-se, e ela foi logo instruindo:

- Quero lasanha. O pai corrigiu:

- Traga uma fritada de camarão pra dois.

Caprichada.

A coisinha amuou. Então não podia querer?

Queriam querer em nome dela? Por que é proibido comer lasanha? Essas interrogações apenas se liam no seu rosto, pois os lábios mantinham reserva.

Quando o garçom voltou com os pratos e o serviço, ela atacou:

- Moço, tem lasanha?

- Perfeitamente, senhorita. O pai, no contra-  
ataque:

- O senhor providenciou a fritada?

- Já sim, doutor.

- De camarões bem grandes?

- Daqueles legais, doutor.

- Bem, então me vê um chinite, e para ela... O  
que é que você quer, meu anjo?

- Uma lasanha.

- Traz um suco de laranja para ela.

Com o chopinho e o suco de laranja, veio a famosa fritada de camarão, que, para a surpresa do restaurante inteiro, interessado no desenrolar dos acontecimentos, não foi recusada pela senhorita. Ao contrário, papou-a, e bem. A silenciosa manducação atestava, ainda uma vez, no mundo, a vitória do mais forte.

- Estava uma coisa, hem? - comentou o pai, com um sorriso bem alimentado. - Sábado que vem, a gente repete... Combinado?

- Eu e você, tá?

- Meu amor, eu...

- Tem de me acompanhar, ouviu? Pede a lasanha.

O pai baixou a cabeça, chamou o garçom, pediu. Aí, um casal, na mesa vizinha, bateu palmas. O resto da sala acompanhou. O pai não sabia onde se meter. A garotinha, impassível. Se, na conjuntura, o poder jovem cambaleia, vem aí, com força total, o poder ultrajovem.

# Minhas férias

Luis Fernando Veríssimo

Eu, minha mãe, meu pai, minha irmã (Su) e meu cachorro (Dogman) fomos fazer camping.

Meu pai decidiu fazer camping este ano porque disse que estava na hora de a gente conhecer a natureza de perto, já que eu, a minha irmã (Su) e o meu cachorro (Dogman) nascemos em apartamento, e, até os 5 anos de idade, sempre que via um passarinho numa árvore, eu gritava "aquele fugiu!" e corria para avisar um guarda; mas eu acho que meu pai decidiu fazer camping depois que viu o preço dos hotéis, apesar de a minha mãe avisar que, na primeira vez que aparecesse uma cobra, ela voltaria para casa correndo, e a minha irmã (Su) insistir em levar o toca-discos e toda a coleção de discos dela, mesmo o meu pai dizendo que aonde nós íamos não teria corrente elétrica, o que deixou minha irmã (Su) muito irritada, porque, se não tinha corrente elétrica, como ela ia usar o secador de cabelo?

Mas eu e o meu cachorro (Dogman) gostamos porque o meu pai disse que nós íamos pescar, e cozinhar nós mesmos o peixe pescado no fogo, e comer o peixe com as mãos, e se há uma coisa que eu gosto é confusão.

Foi muito engraçado o dia em que minha mãe abriu a porta do carro bem devagar, espiando embaixo do banco com cuidado e perguntando "será que não tem cobra?", e o meu pai perdeu a paciência e disse "entra no carro e vamos embora", porque nós ainda nem tínhamos saído da garagem do edifício.

Na estrada tinha tanto buraco que o carro quase quebrou, e nós atrasamos, e quando chegamos ao local do camping já era noite, e o meu pai disse "este parece ser um bom lugar, com bastante grama e perto da água", e decidimos deixar para armar a barraca no dia seguinte e dormir dentro do carro mesmo; só que não conseguimos dormir porque o meu cachorro (Dogman) passou a noite inteira querendo sair do carro, mas a minha mãe não

deixava abrirem a porta, com medo de cobra; e no dia seguinte tinha a cara feia de um homem nos espiando pela janela, porque nós tínhamos estacionado o carro no quintal da casa dele, e a água que o meu pai viu era a piscina dele e tivemos que sair correndo.

No fim conseguimos um bom lugar para armar a barraca, perto de um rio. Levamos dois dias para armar a barraca, porque a minha mãe tinha usado o manual de instruções para limpar umas porcarias que o meu cachorro (Dogman) fez dentro do carro, mas ficou bem legal, mesmo que o zíper da porta não funcionasse e para entrar ou sair da barraca a gente tivesse que desmanchar tudo e depois armar de novo.

O rio tinha um cheiro ruim, e o primeiro peixe que nós pescamos já saiu da água cozinhado, mas não deu para comer, e o melhor de tudo é que choveu muito, e a água do rio subiu, e nós voltamos pra casa flutuando, o que foi muito melhor que voltar pela estrada esburacada; quer dizer que no fim tudo deu certo.

# Depois de Uno

Walcyr Carrasco

Há alguns meses perdi meu cachorro muito amado, o husky siberiano Uno. Sofri durante sua doença e compartilhei minha angústia através de uma crônica. Recebi centenas de e-mails e cartas, com pessoas relatando dores semelhantes. Lembro-me até de uma mensagem em que um rapaz contava jamais ter tido cachorro ou gato. Mas, apesar disso, se identificava com minha perda. Afinal de contas, perda é perda. Antes de Uno partir para a operação da qual não retornou, conversei com ele de noite, enquanto acariciava seus pêlos.

– Ah, Uno querido! Se você não voltar, foi um bom tempo que passamos juntos! Obrigado!

Dentro do meu coração, senti que ele entendeu!

Depois que Uno morreu, anunciei:

– Nunca mais quero ter cachorro! Nem gato, nem passarinho!

Disposto a manter minha palavra, recusei inúmeras ofertas de filhotes. Resolvi:

– A vida é mais fácil sem um cachorro. Posso viajar à vontade, sem preocupação.

Alinhavei mentalmente argumentos que provavam quanto era melhor não ter bicho nenhum.

No Ano-Novo, fui para Camburi, uma praia no Litoral Norte de São Paulo. Fiz tudo o que manda a tradição: pulei sete ondinhas, comi uvas, bebi champanhe. Depois da ceia, deitei na rede da varanda. No escuro, iluminados apenas por velas, eu e meus amigos jogávamos conversa fora. De repente, um enorme cachorro negro apareceu, vindo da rua. Fizemos sinais.

– Vem cá! – eu disse.

Ele veio. E me obedecia em tudo! A ponto de outra pessoa comentar:

– Esse cachorro parece que é seu!

Fiquei um longo tempo brincando com ele. Queria prendê-lo, mas na praia não tenho muros! Ele foi embora. No dia seguinte, descobri que dormiu na porta do condomínio. Decidi que seria meu.

Prometi gorjetas aos caseiros da região. Saí a procurá-lo na praia. Não o encontrei de jeito nenhum.

Tempos depois, um amigo, Robson, foi para a mesma praia e me telefonou.

– Você quer mesmo aquele cachorro?

– Nunca mais quero ter cachorro, mas esse eu quero – respondi dentro de uma lógica inexplicável.

Eu estava no Rio de Janeiro. Passei uma semana péssima. Esqueci da conversa. Voltei fragilizado, em um momento difícil da vida. Quando cheguei a São Paulo, meu amigo me esperava em casa.

– Tem uma surpresa para você lá no quintal.

Era uma cachorrinha preta, vira-lata, magérrima.

– Aquele cachorro que você queria tem dono.

Mas esta é uma prima dele!

Peguei o bichinho trêmulo no colo. Abracei.

Robson explicou:

– Se você não quiser, minha tia fica com ela!

Mas eu não ia querer? Abracei-a e, é claro, dei nome de gente: Ísis. Se alguma Ísis se sentir

ofendida, me perdoe! Dali a alguns dias, pensei:

– A Ísis precisa de companhia!

Uma conhecida achou uma vira-latinha abandonada, tentando atravessar a rua no meio de carros e motos. Salvou-a. Mandou uma foto por e-mail. Fiquei com ela: Morgana. Um outro amigo, Roberto, estava com um filhote peludo preso no apartamento pequeno. Abruguei o Cauê! De repente, fiquei com três cachorros!

Não bastou. Passei na vitrine de uma pet shop e me apaixonei por uma gata. Agora, dedico parte das noites a estabelecer relações diplomáticas entre a felina e os cães! Até que vai indo bem, com miados e latidos de parte a parte!

E então, no meio dessa confusão, me dei conta: a vida continua! Nunca vou esquecer do meu Uno. Um cão não substitui outro, como uma pessoa também não. Mas sempre há espaço para mais sentimentos. A vida se renova. Melhor ainda, o amor sempre renasce! Além de reforçar meu eterno otimismo, essa certeza me desperta uma paz profunda!

# Banhos de Mar

Clarice Lispector

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes do sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente inaudito em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda, ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum. (...)

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o

o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito feliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

O mar de Olinda era muito perigoso. Davam-se alguns passos em um fundo raso e de repente caía-se num fundo de dois metros, calculo.

Outras pessoas também acreditavam em tomar banho de mar quando o sol nascia. Havia um salva-vidas que, por uma ninharia de dinheiro, levava as senhoras para o banho: abria os dois braços, e as senhoras agarravam-se a eles para lutar contra as ondas fortíssimas do mar.

O cheiro do mar me invadia e me embriagava. As algas boiavam. Oh, bem sei que não estou transmitindo o que significavam como vida pura esses banhos em jejum, com o sol se levantando pálido ainda no horizonte. Bem sei que estou tão emocionada que não consigo escrever. O mar de Olinda era muito iodado e salgado. E eu fazia o que no futuro sempre iria fazer: com as mãos em concha, eu as mergulhava nas águas e trazia um pouco de

mar até minha boca: eu bebia diariamente o mar, de tal modo queria me unir a ele.

Não demorávamos muito. O sol já se levantara todo, e meu pai tinha que trabalhar cedo. Mudávamos de roupa nas cabinas, e a roupa ficava impregnada de sal. Meus cabelos salgados me colavam na cabeça.

Então esperávamos, ao vento, a vinda do bonde para Recife. No bonde a brisa ia secando meus cabelos duros de sal.

A quem devo pedir que na minha vida se repita a felicidade? Como sentir com a frescura da inocência o sol vermelho se levantar? Nunca mais?

Nunca mais. Nunca.

# Suflê de chuchu

Luis Fernando Verissimo

Houve uma grande comoção em casa com o primeiro telefonema da Duda, a pagar, de Paris. O primeiro telefonema desde que ela embarcara, mochila nas costas (a Duda, que em casa não levantava nem a roupa do chão!), na Varig, contra a vontade do pai e da mãe. Você nunca saiu de casa sozinha, minha filha! Você não sabe uma palavra de francês! Vou e pronto. E fora. E agora, depois de semanas de aflição, de "onde anda essa menina?", de "você não devia ter deixado, Eurico!", vinha primeiro sinal de vida. Da Duda, de Paris.

- Minha filha...

- Não posso falar muito, mãe. Como é que se faz café?

- O quê?

- Café, café. Como é que se faz?

- Não sei, minha filha. Com água, com... Mas onde é que você está, Duda?

- Estou trabalhando de "au pair" num apartamento. Ih, não posso falar mais. Eles estão chegando. Depois eu ligo. Tchau!

O pai quis saber detalhes. Onde ela estava morando?

- Falou alguma coisa sobre "opér".

- Deve ser "operá". O francês dela não melhorou...

Dias depois, outra ligação. Apressada com a primeira. A Duda queria saber com se mudava fralda. Por um momento, a mãe teve um pensamento louco. A Duda teve um filho de um francês! Não, que bobagem, não dava tempo. Por que você quer saber, minha filha?

- Rápido, mãe. A criança tá borrada!

Ninguém em casa podia imaginar a Duda trocando fraldas. Ela, que tinha nojo quando o irmão menor espirrava.

- Pobre criança... - comentou o pai.

Finalmente, um telefonema sem pressa da Duda. Os patrões tinham saído, o cagão estava dormindo, ela podia contar o que estava lhe

na casa. A princípio tivera alguma dificuldade com os aparelhos. Nunca notara antes, por exemplo, que o aspirador de pó precisava ser ligado numa tomada. Mas agora estava uma opér "formidable". Duda enfatizara a pronúncia francesa. "Formidable." Os patrões adoravam. E ela prometera que na semana seguinte prepararia uma autêntica feijoada brasileira para eles e alguns amigos.

- Mas, Duda, você sabe fazer feijoada?

- Era sobre isso que eu queria falar com você, mãe. Pra começar, como é que se faz arroz?

A mãe mal pôde esperar o telefonema que a Duda lhe prometera, no dia seguinte ao da feijoada.

- Como foi, minha filha. Conta!

- Formidable! Um sucesso. Para o próximo jantar, vou preparar aquela sua moqueca.

- Pegue o peixe...- começou a mãe, animadíssima.

A moqueca também foi um sucesso. Duda contou que uma das amigas da sua patroa fora atrás dela, na cozinha, e cochichara uma proposta no seu ouvido: o dobro do que ela ganhava ali para ser opér

na sua casa. Pelo menos fora isso que ela entendera. Mas Duda não pretendia deixar seus patrões. Eles eram uns amores. Iam ajudá-la a regularizar a sua situação na França. Daquele jeito, disse Duda a sua mãe, ela tão cedo não voltava ao Brasil.

É preciso compreender, portanto, o que se passava no coração da mãe quando a Duda telefonou para saber como era a sua receita de suflê de chuchu. Quase não usavam o chuchu na França, e a Duda dissera a seus patrões que suflê de chuchu era um prato típico brasileiro e sua receita era passada de geração a geração na floresta onde o chuchu, inclusive, era considerado afrodisíaco. Coração de mãe é um pouco como as Caraívas. Ventos se cruzam, correntes se chocam, é uma área de tumultos naturais. A própria dona daquele coração não saberia descrever os vários impulsos que o precorreram no segundo que precedeu sua decisão de dar à filha a receita errada, a receita de um fracasso. De um lado o desejo de que a filha fizesse bonito também - por que não admitir? - uma certa curiosidade com a repercussão do seu suflê de

chuchu na terra, afinal, dos suflês, do outro o medo de que a filha nunca mais voltasse, que a Duda se consagrasse como a melhor opér da Europa e não voltasse nunca mais. Todo o destino num suflê. A mãe deu a receita errada. Com o coração apertado. Proporções grotescamente deformadas. A receita de uma bomba.

Passaram-se dias, semanas, sem uma notícia da Duda. A mãe imaginado o pior. Casais intoxicados. Jantar em Paris acaba no hospital. Brasileira presa. Prato selvagem enluta famílias, receita infernal atribuída à mãe de trabalhadora clandestina, Interpol mobilizada. Ou imaginando a chegada de Duda em casa, desiludida com sua aventura parisiense, sua carreira de opér encerrada sem glória, mas pronta para tentar outra vez o vestibular.

O que veio foi outro telefonema da Duda, um mês depois. Apressada de novo. No fundo, o som de bongôs e maracas.

- Mãe, pergunta pro pai como é a letra de Cubanacã!

- Minha filha...

- Pergunta, é do tempo dele. Rápido que eu preciso pro meu número.

Também houve um certo conflito no coração do pai, quando ouviu a pergunta. Arrá, ela sempre fizera pouco do seu gosto musical e agora precisava dele.

Mas o segundo impulso venceu:

- Diz pra essa menina voltar pra casa. JÁ!

# A foto

Luis Fernando Verissimo

Foi numa festa de família, dessas de fim de ano. Já que o bisavô estava morre não morre, decidiram tirar uma fotografia de toda a família reunida, talvez pela última vez. A bisa e o biso sentados, filhos, filhas, noras, genros e netos em volta, bisnetos na frente, esparramados pelo chão. Castelo, o dono da câmara, comandou a pose, depois tirou o olho do visor e ofereceu a câmara a quem ia tirar a fotografia. Mas quem ia tirar a fotografia?

- Tira você mesmo, ué.

- Ah, é? E eu não saio na foto?

O Castelo era o genro mais velho. O primeiro genro. O que sustentava os velhos. Tinha que estar na fotografia.

- Tiro eu - disse o marido da Bitinha.

- Você fica aqui - comandou a Bitinha.

Havia uma certa resistência ao marido da Bitinha na família. A Bitinha, orgulhosa, insistia para

que o marido reagisse. "Não deixa eles te humilharem, Mário Cesar", dizia sempre. O Mário Cesar ficou firme onde estava, do lado da mulher. A própria Bitinha fez a sugestão maldosa:

- Acho que quem deve tirar é o Dudu...

O Dudu era o filho mais novo da Andradina, um das noras, casada com o Luiz Olavo. Havia a suspeita, nunca claramente anunciada, de que não fosse filho do Luiz Olavo. O Dudu se prontificou a tirar a fotografia, mas a Andradina segurou o filho.

E agora?

O Castelo impávido. Tinham ciúmes dele. Porque ele tinha uma Santana do ano. Porque comprara a câmara num "duty free" da Europa. Aliás, o apelido dele entre os outros era "Dutifri", mas ele não sabia.

- Revezamento - sugeriu alguém. - Cada genro bate uma foto em que ele não aparece, e...

A ideia foi sepultada em protestos. Tinha que ser toda a família reunida em volta da bisa. Foi quando o próprio bisa se ergueu caminhou decididamente até o Castelo e arrancou a câmara da sua mão.

- Dá aqui.

- Mas seu Domício...

- Vai pra lá e fica quieto.

- Papai, o senhor tem que sair na foto. Senão não tem sentido.

- Eu fico implícito - disse o velho, já com o olho no visor.

E antes que houvesse mais protestos, acionou a câmara, tirou a foto e foi dormir.

# A máquina da Canabrava

Mário Prata

No primeiro dia de aula, a professora de História da Economia, na velha USP da Rua Doutor Vilanova, Alice Canabrava, escreveu no quadro negro o nome de um livro sobre o mercantilismo e disse, seríssima:

- Na próxima aula (dali a uma semana), prova sobre o livro.

Era o estilo dela, que eu já havia enfrentado no exame oral (é, tinha oral) do vestibular para economia em 1967. Me lembro que ela me perguntou qual era a diferença entre uma nau e uma caravela. Na época, eu sabia.

Mas o mundo é pequeno e trinta anos depois vim a descobrir que a Canabrava era tia da minha amiga escritora-arquiteta Lúcia Carvalho.

Era tia. Morreu há um mês, já velhinha, aposentada e lúcida. Deixou sua casa - com tudo que tinha lá dentro, incluindo uma genial biblioteca - para a Lúcia.

E a Lúcia acaba de me mandar um e-mail que eu transcrevo na íntegra, sobre uma velha máquina da catedrática tia. Vamos lá. "Ouve só. A gente esvaziando a casa da tia neste carnaval. Móvel, roupa de cama, louça, quadro, livro. Aquela confusão, quando ouço dois dos meus filhos me chamarem.

- Mãe!

- Faaala.

- A gente achou uma coisa incrível. Se ninguém quiser, pode ficar para a gente? Hein?

- Depende. Que é?

Os dois falavam juntos, animadíssimos.

- Ééé... uma máquina, mãe.

- É só uma máquina meio velha.

- É, mas funciona, está ótima!

Minha filha interrompeu o irmão mais novo, dando uma explicação melhor.

- Deixa que eu falo: é assim, é uma máquina, tipo um... teclado de computador, sabe só o teclado? Só o lugar que escreve?

- Sei.

- Então. Essa máquina tem assim, tipo... uma

impressora, ligada nesse teclado, mas assim, ligada direto. Sem fio. Bem, a gente vai, digita, digita...

Ela ia se animando, os olhos brilhando.

- ...e a máquina imprime direto na folha de papel que a gente coloca ali mesmo! É muuuito legal!

Direto, na mesma hora, eu juro!

Eu não sabia o que falar. Eu juro que não sabia o que falar diante de uma explicação dessas, de uma menina de 12 anos, sobre uma máquina de escrever.

Era isso mesmo?

- ... entendeu mãe?... zupt, a gente escreve e imprime, a gente até vê a impressão tipo na hora, e não precisa essa coisa chata de entrar no computador, ligar, esperar hóóóras, entrar no word, de escrever olhando na tela, mandar para a impressora, esse monte de máquina, de ter que ter até estabilizador, comprar cartucho caro, de nada, mãe! É muuuito legal, e nem precisa de colocar na tomada! Funciona sem energia e escreve direto na folha da impressora!

- Nossa, filha...

- ... só tem duas coisas: não dá para trocar a

fonte nem aumentar a letra, mas não tem problema. Vem, que a gente vai te mostrar. Vem...

Eu parei e olhei, pasma, a máquina velha. Eles davam pulinhos de alegria.

- Mãe. Será que alguém da família vai querer? Hein? Ah, a gente vai ficar torcendo, torcendo para ninguém querer para a gente poder levar lá para casa, isso é o máximo! O máximo!

Bem, enquanto estou aqui, neste 'teclado', estou ouvindo o plec-plec da tal máquina, que, claro, ninguém da família quis, mas que aqui em casa já deu até briga, de tanto que já foi usada. Está no meio da sala de estar, em lugar nobre, rodeada de folhas e folhas de textos 'impressos na hora' por eles. Incrível, eles dizem, plec-plec-plec, muito legal, plec-plec-plec.

Eu e o Zé estamos até pensando em comprar outras, uma para cada filho.

Mas, pensa bem se não é incrível mesmo para os dias de hoje: sai direto, do teclado para o papel, e sem tomada! "Céus. Que coisa. Um beijo grande, Lúcia."

É, Lúcia, a nossa querida Alice Canabrava, deve estar descansando em paz e rindo muito. E dê uns beijos nos filhos e agradeça a crônica pronta-pronta, plec-plec-plec, que eu ofereço aos meus leitores. E leitoras.

# Espírito carnavalesco

Moacyr Scliar

Cansado, ele dormia a sono solto, quando foi bruscamente despertado pela esposa, que o sacudia violentamente.

Que aconteceu, resmungou ele, ainda de olhos fechados.

– Não posso dormir – queixou-se ela.

– Não pode dormir? E por quê?

– Por causa do barulho – ela, irritada: – Será possível que você não ouça?

Ele prestou atenção: de fato, havia barulho. O barulho de uma escola de samba ensaiando para o Carnaval: pandeiros, tamborins... Não escutara antes por causa do sono pesado. O que não era o caso da mulher. Ela exigia providências.

– Mas o que quer você que eu faça? – perguntou ele, agora também irritado.

– Quero que você vá lá e mande eles pararem com esse barulho.

– De jeito nenhum – disse ele.

– Não sou fiscal, não sou polícia. Eu não vou lá.

Virou-se para o lado, com o propósito de conciliar de novo o sono. O que a mulher não permitiria: logo estava a sacudi-lo de novo.

Ele acendeu a luz, sentou na cama:

– Escute, mulher. É Carnaval, esta gente sempre ensaia no Carnaval, e não vão parar o ensaio porque você não consegue dormir. É melhor você colocar tampões nos ouvidos e esquecer esta história.

Ela começou a chorar. Você não me ama, dizia, entre soluços:

– Se você me amasse, iria lá e acabaria com a farra.

Com um suspiro, ele levantou-se da cama, vestiu-se e saiu, sem uma palavra.

Ela ficou à espera, imaginando que em dez ou 15 minutos a batucada cessaria.

Mas não cessava. Pior: o marido não voltava. Passou-se meia hora, passou-se uma hora: nada. Nem sinal dele.

E aí ela ficou nervosa. Será que tinha acontecido alguma coisa ao pobre homem? Será que – por causa dela– ele tinha se metido numa briga? Teria sido assassinado? Mas neste caso, por que continuava a batucada? Ou seria aquela gente tão insensível que continuava a orgia carnavalesca mesmo depois de ter matado um homem? Não aguentando mais, ela vestiu-se e foi até o terreiro da escola de samba, ali perto.

Não, o marido não tinha sido agredido e muito menos assassinado. Continuava vivo, e bem vivo: no meio de uma roda, ele sambava, animadíssimo.

Ela deu meia volta e foi para casa. Convencida de que o espírito carnavalesco é imbatível e fala mais alto do que qualquer coisa.

# Uma lição inesperada

João Anzanello Carrascoza

No último dia de férias, Lilico nem dormiu direito. Não via a hora de voltar à escola e rever os amigos. Acordou feliz da vida, tomou o café da manhã às pressas, pegou sua mochila e foi ao encontro deles. Abraçou-os à entrada da escola, mostrou o relógio que ganhara de Natal, contou sobre sua viagem ao litoral. Depois ouviu as histórias dos amigos e divertiu-se com eles, o coração latejando de alegria.

Aos poucos, foi matando a saudade das descobertas que fazia ali, das meninas ruidosas, do azul e branco dos uniformes, daquele burburinho à beira do portão. Sentia-se como um peixe de volta ao mar. Mas, quando o sino anunciou o início das aulas, Lilico descobriu que caíra numa classe onde não havia nenhum de seus amigos.

Encontrou lá só gente estranha, que o observava dos pés à cabeça, em silêncio. Viu-se perdido e o

sorriso que iluminava seu rosto se apagou. Antes de começar, a professora pediu que cada aluno se apresentasse. Aborrecido, Lilico estudava seus novos companheiros.

Tinha um japonês de cabelos espetados com jeito de nerd. Uma garota de olhos azuis, vinda do Sul, pareceu-lhe fria e arrogante. Um menino alto, que quase bateu no teto quando se ergueu, dava toda a pinta de ser um bobo. E a menina que morava no sítio? A coitada comia palavras, olhava-os assustada, igual a um bicho-do-mato. O mulato, filho de pescador, falava arrastado, estalando a língua, com sotaque de malandro. E havia uns garotos com tatuagens umas meninas usando óculos de lentes grossas, todos esquisitos aos olhos de Lilico. A professora? Tão diferente das que ele conhecera...

Logo que soou o sinal para o recreio, Lilico saiu a mil por hora, à procura de seus antigos colegas. Surpreendeu-se ao vê-los em roda, animados, junto aos estudantes que haviam conhecido horas antes. De volta à sala de aula, a professora passou uma tarefa em grupo. Lilico caiu com o japonês, a menina

gaúcha, o mulato e o grandalhão. Começaram a conversar cheios de cautela, mas paulatinamente foram se soltando, a ponto de, ao fim do exercício, parecer que se conheciam há anos.

Lilico descobriu que o japonês não era nerd, não: era ótimo em Matemática, mas tinha dificuldade em Português. A gaúcha, que lhe parecera tão metida, era gentil e o mirava ternamente com seus lindos olhos azuis. O mulato era um caçara responsável, ajudava o pai desde criança e prometeu ensinar a todos os segredos de uma boa pescaria. O grandalhão não tinha nada de bobo. Raciocinava rapidamente e, com aquele tamanho, seria legal jogar basquete no time dele. Lilico descobriu mais. Inclusive que o haviam achado mal-humorado quando ele se apresentara, mas já não pensavam assim. Então, mirou a menina do sítio e pensou no quanto seria bom conhecê-la. Então, mirou a menina do sítio e pensou no quanto seria bom conhecê-la. Devia saber tudo de passarinhos. Sim, justamente porque eram diferentes havia encanto nas pessoas.

Se ele descobrira aquilo no primeiro dia de aula, quantas descobertas não haveria de fazer no ano inteiro? E, como um lápis deslizando numa folha de papel, um sorriso se desenhava novamente no rosto de Lilico.

# As três pipas do vovô

Aline Dexheimer

- Amanhã é dia de quê?, – meus filhos perguntam, os três ao mesmo tempo.

- Amanhã é dia de vovô e vovó – eu respondo. Eles saem saltitantes pela casa brincando e gritando.

-EBA! Amanhã é dia de vovô.

Como é bom "ser" criança e esperar pela visita dos avós no "mingo" (domingo, dia dos avós). Uma semana eles vêm, outra nós vamos.

Neste dia, o vovô veio cheio de papéis, cola e tesoura. É dia de vovô e também de churrasco. OBA! A surpresa do dia. O Vovô fazia pipas para as crianças.

Depois do churrasco, o vovô sentou, rodeado de seus trinetos para confeccionar as pipas. Sentados lá na garagem, ficaram a tarde toda fazendo uma pipa, enquanto ele resgatava gostosas memórias de sua própria infância. Uma tarde não seria suficiente para

as três pipas. Mas a diversão já estava preparada. Só faltava o vento!

- Cadê o vento?

Naquela tarde muito quente de verão não tinha vento, mas não impediu que a turma se divertisse da mesma forma.

Foi preciso mais um domingo para o término das pipas.

E o tão esperado dia de vento apareceu, afinal. Munido das três pipas, dos trinetos e eu, com a câmera a tira colo, vovô partiu para o que seria a nossa aventura dominical.

Chegamos de mansinho naquela praça no final da tarde. Havia crianças brincando de bola, casais tomando chimarrão, crianças no balanço, outros exercitando-se. Talvez, chovesse. Talvez ventasse. Estava estranho. A principio, nenhum vento, para a tristeza das crianças. O vovô meio desapontado olhava para as nuvens. De repente, uma brisa o animou. Ele disse:

- Olha o vento!

Correu para o carro e buscou as três pipas.

Elas teimaram um pouco, mas subiram.

Aos poucos as crianças pegaram o jeito.

Corriam pela grande praça, enquanto as pipas voavam chamando atenção do restante das pessoas.

Aos poucos outras crianças foram surgindo e querendo experimentar, crianças, talvez, sem um avô maravilhoso como este que confeccionava pipas.

De longe, sentada no banco eu registrava os momentos com todas as fotos que podia. Meu pai ao lado dos netos e rodeado de crianças de todas as cores. Agradei pelo momento tão maravilhoso desfrutado ao lado de meu pai e meus filhos trigêmeos.

Uma brincadeira quase tão rara nas nossas praças de cidades grandes com pais e avôs ocupados. Uma brincadeira gostosa num lindo final de tarde de verão coroadada pelos raios de um por de sol igualmente raro.

Como é bom "ter" crianças e viver toda esta alegria. Por isso, não me canso de agradecer:

-Obrigada. Viva o Vovô com suas três pipas!

# Serenata de celular

Walcyr Carrasco

Visito um amigo. Apartamento moderno, de pouco móveis, elegante.

No meio da conversa, ouço: "Cuco, cuco, cuco!"

Surpreendo-me:

- Você tem um relógio cuco?

- Não, é meu celular! - ele responde, enquanto corre para atender o aparelho.

Retorna, orgulhoso:

- Ouviu? Não é o máximo?

Passei parte de minha infância ouvindo um relógio cuco que tocava a cada meia hora! No fim, minha mãe deu um jeito de amarrar o passarinho de madeira lá dentro. Ninguém aguentava mais o tal "cuco, cuco!" Disfarço. Sorrio, torcendo intimamente para que a moda não pegue. Ou passarei a ouvir os grasnidos por todo lado! Cada vez mais gente personaliza o celular. As grandes empresas já estão fornecendo trilhas devidamente autorizadas de pop stars como a Madonna. Há uma jovem cujo aparelho,

ao clamar, toca La Cumparsita. Tango! O motivo para tal detalhe romântico: o namorado é argentino. Possui um programa que toca de maneira diferente dependendo de quem chama. Quando soa o celular, ela atende orgulhosa, enquanto as amigas solitárias se roem. Se o casal está em crise, é sofrimento... para os companheiros de trabalho! Já pensou ouvir os acordes de La Cumparsita dez a vinte vezes por dia? Seu chefe anda se lamentando:

- Se ao menos o namorado fosse indiano, ela botava cítara, que é mais calma!

Há pouco tempo, em um jantar, ouvi a marcha nupcial. Uma jovem atendeu feliz da vida:

- É meu marido!

- Que romântico! – cometei.

Uma amiga ao meu lado alfinetou:

- Que nada! Agora que desencalhou, ela não cansa de comemorar!

Reflito:

- Ainda bem que ela está em paz com o ex-marido. Senão, quando ele chamasse, a gente ia ouvir uma sirene! Ou o som de um carro de bombeiro

para apagar o incêndio!

Um conhecido com três namoradas anda se saindo bem. Botou uma balada diferente para cada uma. Se está com a primeira e ouve a da segunda, nem atende. Disfarça:

- É a música da minha mãe! Ligo depois!

Haja mãe! Só falta colocar Marcha Fúnebre para quando ligar o gerente do banco! É fato: já está se tornando comum saber quem liga através da música específica.

Se o som do celular inferniza ambientes de trabalho, é horrível quando alguém o esquece ligado em teatros e cinemas. Pior ainda em concertos! Não faz muito, na Sala São Paulo, ouvi-se o tilintar logo nos primeiros acordes de uma obra delicada, raramente executada por aqui: a Serenata para Tenor, Tromba e Cordas, do Inglês Benjamin Britten. O maestro John Neschling interrompeu a execução. Com seu ouvido bem treinado, virou-se exatamente na direção do infrator:

- Você sabe como isso atrapalha os músicos?

O espectador – um senhor de meia-idade –

assustou-se. Foi desligar e o celular tocou de novo. O público riu. O maestro rosnou. Bateu forte com a batuta na partitura. O jeito foi reiniciar o concerto. Em outra ocasião, no MASP, um conjunto de câmara da Filarmônica de Berlim se apresentava. Subitamente, foi interrompido pela musiquinha de um celular. O violinista não teve dúvidas. Em alguns acordes, reproduziu o som vindo do aparelho. Continuou impávido, enquanto o espectador faltoso tentava se enfiar no chão.

Não sou contra novidades. Pessoalmente, prefiro o meu velho, discreto e tradicional som de chamada. Em locais públicos, deixo no vibrador. A função não é saber que alguém está me chamando? Posso verificar o nome ou o número silenciosamente.

Já imagino o dia em que irei jantar em um restaurante ao som de celulares tocando em conjunto marchinhas carnavalescas, boleros, trilhas românticas, rock pauleira, bossa nova, adágios, tambores, sinos, música caipira... Socorro! O avanço da tecnologia é maravilhoso. Mas às vezes também é de enlouquecer!

# Por que essa pressa?

Walcyr Carrasco

Ando surpreso. De uns tempos para cá, as pessoas parecem estar perdendo a noção de fila. Para embarcar no aeroporto, nem se diga! Assim que o voo é chamado, sempre há um grupo de passageiros que amontoa em frente à entrada. Crianças, idosos e deficientes têm preferência no embarque. Poucos conseguem chegar na frente. Dia desses no Aeroporto de Congonhas, ajudei uma senhora com duas crianças a evitar que os pimpolhos fossem atropelados pelos passageiros. Ela, que tinha preferência, ficou por último! Detalhe: os lugares são marcados previamente. Por que a pressa?

Imagino como sofre o caixa de um bar, tendo de atender várias pessoas que gritam ao mesmo tempo. Em metrô, é um sufoco. O correto seria esperar que saia quem vai desembarcar. Tentei fazer isso no horário de pico. Fui empurrado, levei uma cotovelada na orelha e ainda me xingaram! Uma loucura!

Quem quer sair empurra, quem quer entrar empurra mais!

Até entre os elegantes, reina a confusão! Fui a uma festa. Serviram o jantar em um bufê, com comida farta, de dar água na boca. Os mais educadinhos foram se servindo em fila. Dali a pouco entrou uma perua no meio, estendendo as unhas pintadas:

- Deixa eu pegar só uma saladinha! Pronto! Outro voou para o prato quente, furando todo mundo. A fila parou. Dois ou três aproveitaram a deixa para se servir, espetando quem estava na frente com os garfos.

- Ah, desculpe...É que eu ia pegar aquela batatinha... - avisou um.

- É só um segundo... Já saio - disse outro, erguendo a faca para garantir espaço.

Quando chego a um restarante e avisam que tem espera, vou embora. Ninguém respeita ordem de chegada. A começar pelos *maîtres*, que dão preferência a clientes fiéis, conhecidos... seja lá quem for. É justo que um cliente tenha suas

vantagens. Mas, então, por que não reservar a mesa com antecedência?

Nem vou citar nome de restaurante, já que a maioria é assim. Depois de esperar meia hora, sempre vejo alguém entrar e acomodar-se imediatamente. Se reclamo, a resposta é sempre a mesma:

- Eles já estavam esperando faz tempo, o senhor se enganou.

Que raiva! Até perco o apetite. E olha que para eu perder o apetite não é fácil, não!

Elevador, então, nem se fala. No Shopping Higienópolis, são demoradíssimos. Outro dia, estava subindo quando parou em um andar. Uma jovem com o carrinho de bebê esperava.

- Está lotado - avisaram.

- É o terceiro que passa, e não consigo entrar - reclamou a moça.

Os passageiros ergueram os queixos, como se não fossem com eles. Alguém supunha que ela fosse descer com o carrinho em escada rolante? Ela enfiou o carrinho.

Todos se apertaram, incomodados, como se o bebê fosse o estrovo. Fiquei no fundo. Quando cheguei ao meu andar, avisei:

- Preciso descer.

Ninguém se mexeu. fui até a saída. pisei no pé de uma mocinha, que gritou ofendida. dei uma cotovelada em um gorducho que estava parado em frente à porta, sem mexer as banhas. aliviado, botei o pé para fora! Elevadores, aliás transformaram-se num purgatório. Não é inferno porque um dia a gente sai. Os espaçosos espremem os mais corteses. Nunca falta quem use um perfume fortíssimo, desses de deixar a cabeça tonta. Tudo seria passável se ao menos fosse possível entrar e sair de um elevador cheio sem passar por cenas de pugilato. Mesmo porque, como nos metrô, quem vai entrar nunca deixa os outros desembarcar!

É impossível que todo mundo tenha sempre tanta pressa. Minha impressão é que, com o estresse da vida moderna, as pessoas andam esquecendo as regras mínimas do bem viver.

Ninguém se mexeu. fui até a saída. pisei no pé de uma mocinha, que gritou ofendida. dei uma cotovelada em um gorducho que estava parado em frente à porta, sem mexer as banhas. aliviado, botei o pé para fora! Elevadores, aliás transformaram-se num purgatório. Não é inferno porque um dia a gente sai. Os espaçosos espremem os mais cortesês. Nunca falta quem use um perfume fortíssimo, desses de deixar a cabeça tonta. Tudo seria passável se ao menos fosse possível entrar e sair de um elevador cheio sem passar por cenas de pugilato. Mesmo porque, como nos metrô, quem vai entrar nunca deixa os outros desembarcar!

É impossível que todo mundo tenha sempre tanta pressa. Minha impressão é que, com o estresse da vida moderna, as pessoas andam esquecendo as regras mínimas do bem viver.

# No terraço

Carlos Drummond de Andrade

- Que é que o senhor está fazendo aí no terraço a esta hora da madrugada?!

- O cometa! Espia só o cometa!

- Onde?! Não estou vendo cometa nenhum.

- Pois eu estou. O rabo dele cresceu um pedaço!

Só tinha 16 milhões de quilômetros de comprimento, pelo que disse o japonês, mas agora tem no mínimo 20 milhões! Bem, talvez uns 19 milhões e 500 mil. Olha que beleza!

- Com esse céu encoberto, como é que você consegue ver cauda de cometa, seu mentiroso?

- Ora, o senhor não vê porque não sabe olhar, está com a vista cansada, sei lá. Repara só como brilha! Dizem que no Recife foi uma coisa louca, o núcleo espalhando lágrimas fosforescentes, um troço feito fogo de artifício que vou te contar. Mas eu duvido que tenha sido mais bacana do que aqui em Santa Tereza. Olha! Olha depressa!

- Você está querendo gozar seu pai. Cometa, uma conversa. E ainda por cima, usando o meu binóculo, que tirou da gaveta da cômoda, sem pedir licença. Se quebrar vai ter, ouviu?

- Nem precisa de binóculo, ele está dando sopa lá em cima, só o senhor que não vê! Ah, muito mais legal do que o tal de Halley, que vovô até hoje está vendo passar na memória. Ele diz com desprezo: "Vocês não sabem o que é cometa. Cometa é o Halley. O resto é perfumaria". Vou bater à porta para ele acordar e ver este d'agora, como é mesmo o nome?

- Ikeya-Seki.

- Porcaria de nome, mas ele é bárbaro!

- Você não vai acordar seu avô coisa nenhuma.

Vai já é pra cama.

- Puxa, mas o senhor é mesmo do contra, hein?

Vai ver que nem acredita em cometas!

- Menino, não chateia.

- Eu aqui no terraço, às quatro da madrugada, dando duro para fazer minhas observações, controlar o cometa, apresentar amanhã um relatório no colégio, e o senhor querendo acabar com a ciência.

Assim também não!

- Que negócio é esse de eu querer acabar com a ciência? E desde quando você é cientista?

- Por enquanto não sou, mas quero ser um dia, estou me preparando. Não é toda noite que tem cometa no céu. Este aí é o primeiro da minha vida! Vamos fazer um trato? O senhor não leva a sério os cometas, não quer nada com a teoria deles nem com a observação científica mesmo em termos primários, não dá pelota para a hipótese de a Terra virar poeira se um cometa como este que não consta dos catálogos de estrelas, um cometa muito misterioso, se chocar com ela. O senhor não é de nada, não vive na era espacial, eu compreendo. Pois então o senhor vai dormir, e me deixa aqui em paz, tratando destes problemas que não interessam ao senhor, mas que a mim preocupam, porque eu sou de outra geração, eu tenho que examinar o diabo deste cometa. Me faz este favor, seja camarada, volta já pro bercinho, tá?

